



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"



Reconstituindo a memória da umbigada em Araraquara: apontamentos para uma pesquisa

Natália Carvalho de Oliveira, Campus Araraquara, Unidade Faculdade de Ciências e Letras, curso Ciências Sociais, natalia.carvalho.gea@gmail.com, Bolsa de Apoio Acadêmico e Extensão

Orientadora: ProfªDrª Claudete de Sousa Nogueira

Eixo 1 - Direitos, Responsabilidades e Expressões para o Exercício da Cidadania

Resumo

A proposta da atividade é compreender como se constituiu as manifestações culturais negras de Araraquara, mais especificamente o samba de umbigada. A partir dos depoimentos dos antigos participantes da dança, e de sujeitos que não participaram diretamente, mas ouviram histórias, busca-se construir uma rede de conhecedores da prática, bem como identificar suas características e seu papel social. Nesse trabalho pretendemos relatar os efeitos da história oral e reconstituição da história de sua cultura para os sujeitos participantes da atividade.

Palavras Chave: Memória; Oralidade; Identidade

Abstract:

The purpose of the activity is to understand how to set up the black cultural manifestations of Araraquara, specifically umbigada samba. From the testimony of former members of the dance, and subjects who did not participate directly, but heard stories, seek to build a network of knowledgeable practice and identify their characteristics and their social role. In this paper we intend to report the effects of oral history and reconstruction of the history of their culture to the subjects participating in the activity.

Keywords: Memory; Orality; identity

Introdução

A história das populações negra no Brasil começou com a deportação de negros que foram capturados, escravizados e enviados por meio do tráfico ao continente Americano. Estes foram trazidos a um mundo desconhecido onde a sociedade era composta por classes: senhores (dominador) e os escravizados (explorado). "[...] formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índios e mais tarde de negros" (BOSI, 1992, p.65). A escravização dividiu as sociedades africanas do mundo simbólico (representações coletivas) dos valores do mundo (estruturas sociais e bases morfológicas).

A história tradicional não relata a presença do negro fora do sistema escravocrata. Suas manifestações culturais e religiosas foram marginalizadas e ocorreu a estigmatização de suas manifestações – entende-se por estigma "[...] atributo profundamente depreciativo [...]" (GOFMAN, 2012, p.5), ou seja, atribuição de uma pré-concepção, que

não representa o real, mas o imaginário. Os relatos feitos por fazendeiros e folcloristas da época retratam as manifestações negras como promíscuas e imorais.

Uma das manifestações de origem afro é o samba de umbigada, muito comum no interior paulista principalmente nas cidades de Tietê, Capivari, Araraquara e Rio Claro. Na cidade de Araraquara esta prática foi extinta, no entanto é possível encontrar pessoas que vivenciaram ou ouviram histórias e trazem em sua memória a vitalidade dos acontecimentos.

Objetivos

Pensando nas manifestações culturais, sobre o batuque de umbigada pretende-se fazer por meio da tradição oral o registro de depoimentos dos antigos participantes da dança, e de sujeitos que não participaram diretamente, mas ouviram histórias afim de construir uma rede de conhecedores da prática; tentar identificar quando iniciou; em que época acontecia; em qual bairro e local era realizado; quem



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"

Realização:



eram os participantes; qual o motivo de sua extinção; observar qual o imaginário da comunidade sobre o batuque; mapear suas particularidades.

Material e Métodos

Para que a pesquisa tenha grande desempenho utilizaremos as seguintes metodologias:

Pesquisa bibliográfica (referências teóricas); Pesquisa documental: a pesquisa será realizada no arquivo municipal de Araraquara "Rodolpho Telaroli" e buscaremos recortes de jornais e revistas, documentos oficiais, fotos ou processos judiciais que falem sobre a prática do samba de umbigada em Araraquara; e no M.I.S. Museu da Imagem e do Som de Araraquara.

Pesquisa de campo: realização de coleta de dados junto a pessoas pertencentes à comunidade; o trabalho de campo será orientado pela história oral.

Para o desenvolvimento da coleta de depoimentos orais optamos inicialmente por uma amostra qualitativa, buscando contemplar as diferentes características do grupo, observando faixa etária, gênero e formas de envolvimento com o samba de umbigada.

Resultados e Discussão

A trajetória do negro e de sua cultura no Brasil é marcada pela repressão e resistência cultural, esta resistência é visível quando encontramos relatos sobre manifestações religiosas ou culturais, que são de origem africana e que hoje não são mais praticadas, porém estão presentes no imaginário e nas histórias transmitidas pela oralidade.

Ao verificar a história oficial de Araraquara constatamos que há poucos relatos sobre a presença da população negra e suas manifestações culturais e religiosas, bem como seus momentos de lazer. Sendo esta uma questão importante para pensar as relações étnico-raciais na cidade e seus desdobramentos, como no caso do preconceito em relação a população que realiza tais práticas.

Neste sentido a partir da disciplina "Memória e História Oral no ensino e na pesquisa", realizou-se coleta de depoimentos com duas mulheres que quando crianças vivenciaram ou ouviram histórias – uma de 63 anos e a outra de 70 anos –, a conversa foi guiada por um roteiro semi-estruturado que possibilitou um diálogo mais fluido, e contou com o auxílio de um gravador e caderno de campo.

A primeira depoente não vivenciou o samba de umbigada diretamente, mas quando criança ouvia histórias contadas por tios e amigos da família que

participavam da festa e compartilhavam a vivência, as músicas, as curiosidades e etc. Estas histórias ficaram tão vivas em sua memória que, depois de mais velha, pode identificar, em outros ritmos musicais, aspectos semelhantes ao que lhe foi contado. Em conversa com alguns integrantes de sua família constatei que ela passou adiante as histórias que um dia lhe foram contadas. Durante a conversa a depoente lembrou de pessoas que também tinham lembranças sobre época e se mostrou solícita ao entrar em contato com elas e se interessou em marcar um encontro com as pessoas que portam estas memórias.

A segunda depoente vivenciou diretamente a prática, pois sua família participava e a levava. Por ter vivenciado diretamente, pode identificar o local de ocorrência, a estrutura da roda, os instrumentos que eram tocados e familiares que também participavam e vinham de outra cidade. Durante a conversa ela se mostrou muito animada com a lembrança das histórias.

A coleta de dados causou curiosidades por parte da família, pois o contato inicial com as depoentes foi feito em uma comemoração de aniversário, fato instigante que fez com que muitos se interessassem pelas histórias. A pesquisa de campo possibilitou identificar o samba de umbigada como uma memória subterrânea que sobrevive nas famílias negras, e vem à tona em reuniões familiares e encontros de gerações, fato que contribui com a permanência da história.

Atualmente, o estudo sobre o tempo livre assumiu uma importância notável como forma de compreender qual o significado da sociedade contemporânea e suas possibilidades. A partir da vivência do lazer, observa-se os aspectos culturais e como estes produzem sentido nas vidas das pessoas, ao mesmo tempo em que "Festas, rituais, tradições populares e formas de entretenimento constituem um espaço fecundo para a análise dos processos de mudança, pois cultura é o processo de sua constante recriação, num espaço socialmente determinado" (MAGNANI, 1998). Bem como afirma Bosi, que cultura é a "[...] herança de valores e objetos compartilhados por um grupo humano relativamente coeso [...]" (p.309).

As danças e comemorações são exemplos de resistência, preservação e constituem-se como expressão de lazer. "A cultura da festa é, sobretudo, campo de criação de vínculos, solidariedades, mercadorias, costumes e regras que orientam a vida social" (ANTONIO; CHITOLINA, 2008). Uma das danças de origem afro, que em algumas cidades do interior paulista ainda acontece é o batuque ou



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"

Realização:



samba de umbigada que é caracterizado da seguinte maneira:

"O batuque de umbigada, também conhecido como tambu ou caiumba, é uma manifestação cultural trazida para o Brasil pelos escravos de origem bantu. Com seus instrumentos como o Tambu, uma espécie de tambor feito de tronco oco de árvore; quinzengue, um tambor mais agudo que faz a marcação rítmica do tambu e nele se apóia; as matracas, que são os paus que batem no tambu do lado oposto do couro; guaiás ou chocalhos de metal em forma de cones ligados, essa manifestação conseguiu se manter através do tempo, passando de geração para geração. [...] Característica da dança, homens e mulheres formam duas fileiras que se defrontam, encontram-se no centro do salão, fazendo passos variados e terminam com a umbigada." (NOGUEIRA, 2009, p.7)

A umbigada está presente também em outras danças como o jongo, o samba de coco entre outras. Porém aos olhos da comunidade branca a umbigada era sexual, este fato fez com que durante muito tempo as danças de origem africana fossem perseguidas e condenadas pela sociedade, estabelecendo punições à sua prática. Essa criminalização sobre a dança fez com que em algumas regiões a umbigada fosse trocada por outra simbologia, como exemplo o lenço (Samba lenço) ou o chapéu.

Por meio de estudos in loco constatou-se que:

"[...] o toque dos umbigos entre os homens e mulheres tem uma função um tanto quanto metafísica e possibilitaria a reestruturação, organizando-o novamente no cosmos. O umbigo é para estes povos a grande boca, a primeira boca pela qual nos alimentamos no ventre materno, e aquela que continuamos a nos alimentar de energia cósmica pelo resto de nossas vidas." (ANTONIO; CHITOLINA, 2008, p. 3)

Em outras citações a dança era realizada em situação de ritual de casamento onde os noivos davam a umbigada que simbolizava a fertilidade. Estas "[...] manifestações culturais designadas pela crônica no período colonial como batuques, calundus ou sambas, representavam o esperado momento de reunião [...]" (SILVA, 2010)

A história oral possibilita ir além da história oficial, por meio dela pode-se conhecer as histórias que foram marginalizadas, estas são chamadas de memórias subterrâneas que se mantiveram vivas e formaram redes de transmissão interna, "[...] a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritária e dominadas, se opõem à 'memória oficial' [...]" (POLLAK, 1989, p.4). Memória

subterrânea é a sobrevivência "[...] de lembranças traumatizantes, lembranças que esperam o momento propício para serem expressas" (POLLAK, pg5). Os afloramentos destas memórias contribuem para a quebra dos "[...] tabus conservadores para memória oficial" (POLLAK, 1989, p. 5)

Sabe-se que a memória e oralidade "[...] possibilita a retomada de vozes que há muito tempo ficaram silenciadas por opressões históricas" (NOGUEIRA, 2009, p.18) O silêncio inicial ao passado não conduz ao esquecimento, é uma forma de resistência. Neste âmbito a memória tem papel central "[...] por ser pensada como patrimônio de saberes e de conhecimento, organizado e mantido por grupos ou indivíduos portadores de determinada trajetória de origem." (NOGUEIRA, 2009, p. 19). Hoje toda a cultura que foi marginalizada deve agarrar-se à memória e à oralidade, pois a cultura é uma herança social e é transmitida por meio da oralidade para não deixar morrer o que lhe é próprio.

Conclusões

As danças e comemorações são exemplos de resistência, preservação e constituem-se como expressão de troca. O samba de umbigada é uma memória subterrânea que sobrevive nas famílias negras, e vem à tona em encontros familiares. A partir da re-vivência, observam-se os aspectos culturais e como estes produzem sentido em suas vidas. O acesso a tais lembranças contribui para a formação e o fortalecimento da identidade, além de contribuir com o reconhecimento da importância sócio-histórica da manifestação e para uma maior valorização dos idosos, sujeitos da pesquisa, que se transformaram em informantes fundamentais no processo de reconstituição da memória da cultura negra local.

Agradecimentos

Agradecemos à comunidade negra de Araraquara, em especial à Maria Nazaré Salvador e sua família, que em resistência, traz a memória ao presente.

ANTONIO, Mácia Maria; CHITOLINA, Natália. A relação das festas e dança de batuque de umbigada na perspectiva do lazer e religião.

6ª amostra acadêmica UNIMEP, 2008.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. Companhia das Letras, 1992.

CLIFFORD, Geertz. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro.

LTC : 2011 (1926).

GOFMAN, E. *Estigma*. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de janeiro, 2012.

MAGNANI, J.G. *Festa no pedaço*. São Paulo, Hucitec, 1998.



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"

Realização:

unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

PROEX
PROEXTENSÃO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

NOGUEIRA, Claudete de Sousa. **Batuque de umbigada paulista: memória família e educação não-formal no âmbito da cultura afro-brasileira.** Campinas, 2009.

POLLAK, Michael. **Memória esquecimento, silêncio.** Estudos históricos, 1989.

SILVA, Renata de Lima. Samba de umbigada: considerações sobre o jogo, performance, ritual e cultura. In. **Textos escolhidos de cultura Popular**, Rio de Janeiro, v.7,n.1, p. 147-163, mai. 2010.

TENÓRIO, Valquíria Pereira. **Uma interpretação do baile do Carmo: memória, sociabilidade e identidade étnico-racial em Araraquara.** Araraquara, 2005.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Paz e Terra 3ª edição

MUKUNA, Kazadi wa. **Contribuição bantu na música popular brasileira.** São Paulo, Ed. Global, 2003